

Choque mundial: se impõe Donald Trump

Tremia em seus centros os EUA.

Com o passar das horas desta noite, milhões de cidadãos, especialistas, analistas, políticos e outros não puderam acreditar: um por um dos principais estados que determinariam o resultado caiu nas mãos de Donald Trump, e no final o candidato republicano insurgente tornou-se o presidente eleito dos Estados Unidos.

Por meio de uma chamada telefônica na mesma noite, Hillary Clinton reconheceu a derrota para Donald Trump.

No encerramento desta edição, às 2:30 da manhã, horário local, o candidato republicano saiu para declarar seu triunfo no Hotel Hilton em Manhattan.

Acompanhado por sua família e pelo vice-presidente eleito Mike Pence, ele declarou que queria unir o país depois desta disputa. É tempo de nos unirmos como um povo unido, disse ele, jurando que será o presidente de todos os americanos.

Prometeu investir nas infra-estruturas da nação e que os homens e mulheres esquecidos do nosso país deixarão de ser esquecidos. Em nível internacional, disse ele, procurarei a colaboração, não o conflito, e embora sempre coloque “a América em primeiro lugar”, ele estará disposto a conversar com outros países em pé de igualdade. Depois da ovação ele disse adeus e através dos alto-falantes do salão tocou You can't always get what you want, dos Rolling Stones.

Às 3 da manhã, ele ganhou a eleição com 291 votos contra os 218 de Hillary Clinton no Colégio Eleitoral e, em números preliminares, com 57,5 milhões de votos contra os 56,8 milhões do adversário.

Especialistas procuraram explicar por que suas pesquisas e modelos sofisticados de previsão falharam; políticos da cúpula, incluindo os do próprio Partido Republicano, não sabiam como responder e os mercados de ações estavam alarmados, indicando a possibilidade de uma queda do mercado de ações na quarta-feira, nos mercados de ações dos EUA.

O bilionário populista acusado de ser um demagogo, predador sexual, xenófobo, que descarta a ciência da mudança climática e um dos povos mais desqualificados para ser presidente na história do país, estará agora prestes a assumir as rédeas - e o botão nuclear- da maior potência do mundo.

Há descrença e medo entre várias comunidades: imigrantes mexicanos e latino-americanos não acreditavam, comunidades muçulmanas estavam aflitas, organizações leais ao Partido Democrata, em defesa dos direitos das mulheres, sindicatos e ambientalistas, entre outros, o consideram um desastre.

A insurreição populista triunfou. Alguns argumentaram que se não houvesse mais a opção de fazê-lo pela esquerda – dezenas de milhões expressaram seu cansaço, desencanto e medos – eles o fariam pela direita (não poucos comentaram esta noite que o socialista democrático Bernie Sanders poderia ter vencido neste cenário).

Esse cansaço – gravado desde o início desta contenda, há um ano e meio em sondagens, entrevistas e enquetes – com o que era percebido como uma cúpula arrogante e cínica, distanciada das maiorias e fazendo o trabalho para uma elite de poderosos interesses.

Com ele, a candidato por excelência desse establishment, a rainha política do país, foi derrubada. No momento da sua coroação, tudo se desmoronou. O anúncio oficial e a celebração de que Hillary Clinton seria a primeira presidente dos Estados Unidos já estavam preparados; os discursos sobre como a história estava sendo marcada já estavam escritos, mas esta

noite tudo isso foi interrompido.

Mas Clinton recusou-se a fazer um discurso de concessão esta noite aos seus seguidores. Seu gerente de campanha, John Podesta, chegou ao centro de convenções Javits às 2 da manhã, onde a celebração de seu triunfo havia sido preparada, para anunciar que Clinton não teria uma mensagem esta noite, já que restam votos para contar, e que não haveria mais até que os últimos votos fossem vistos. Pouco depois foi anunciado que a democrata tinha telefonado a Trump para aceitar a sua derrota.

Alguns apontaram que o resultado foi, em parte, uma rebelião racista contra o primeiro presidente afro-americano, mas outros indicaram que era mais do que isso, que era uma expressão de repúdio contra toda a cúpula – a democrata e a republicano – e seus patrões.

A força de Trump nos Estados industriais foi fundamental para gerar apoio massivo entre os trabalhadores, como resultado de seu constante slogan contra os acordos de livre comércio, especialmente o acordo com o México e o Canadá. Em parte, esta é a colheita de três décadas de políticas neoliberais aplicadas nos Estados Unidos, parte das quais foi atacada pelo magnata.

Alguns pintaram esta disputa como um entre os Estados Unidos do futuro e o país do passado. Os resultados preliminares mostraram que a coligação de latinos e mulheres e, em menor grau – e isto poderia ter sido uma chave para o colapso -, a juventude e os afro-americanos, foram a base da qual o democrata dependia para chegar à Casa Branca. Mas eles não conseguiram derrotar a aposta de Trump sobre os brancos, especialmente os não-jovens, e um pequeno setor conservador e anti-imigrante latino. A vulnerabilidade de Clinton continuou a ser expressa em uma redução no apoio à juventude e no voto afro-americano, em comparação com o oferecido a Barack Obama há quatro e oito anos.

A eleição, de acordo com pesquisas preliminares, provou que esta foi uma disputa contra, e não a favor, de ambos os candidatos, os mais desaprovados pelo eleitorado na história moderna do país. Cerca de 20% dos eleitores de Clinton, de acordo com as pesquisas de opinião pública, relataram que votaram contra Trump, enquanto 27% dos votos de Trump foram contra Clinton.

Ao mesmo tempo, as maiorias expressaram que não confiavam na honestidade e integridade de ambos os candidatos presidenciais. Mas por uma alta porcentagem, Trump venceu a maioria dos que disseram que reprovaram ambos.

Portanto, não é necessariamente que as pessoas votaram em Trump, mas, como um de seus apoiadores comentou ao La Jornada, por um vulcão que precisamos nos livrar de políticos corruptos de ambos os partidos.

Trump será o primeiro presidente da história a chegar à Casa Branca sem qualquer experiência política e sem ocupar qualquer cargo eletivo. Esse fato foi apresentado por ele como prova de que era um insurgente, ou seja, alguém fora da classe política (embora, como todo bilionário, financiasse membros dessa classe política, incluindo doações de fundos para a campanha legislativa de sua oponente Hillary Clinton).

Com o triunfo do multimilionário, o Partido Republicano controlará tanto a Casa Branca quanto as duas casas do Congresso, pois manteve sua maioria em ambas as casas esta noite (todos os 435 assentos na câmara baixa e um terço, 34 assentos no Senado estavam em jogo). No entanto, será um partido em crise e fraturado, assim como grande parte da liderança desse partido se opôs a Trump. Mesmo o último presidente republicano, George W. Bush, e o antigo candidato presidencial do seu partido há quatro anos, Mitt Romney, não votaram no porta-estandarte de hoje, e o líder da câmara baixa, o republicano mais poderoso até agora em Washington, Paul Ryan, tem uma relação hostil com ele.

As outras eleições

Além das eleições federais, a melhor notícia para os imigrantes foi a derrota, após duas décadas no poder, do xerife Joe Arpaio – talvez o símbolo nacional anti-imigrante de maior destaque.

E a maconha (e com ela a rejeição do chamado esquema de guerra às drogas) triunfou. Na Califórnia, o maior mercado do país, a iniciativa para a legalização da maconha foi aprovada por referendo. Massachusetts foi o primeiro estado oriental a legalizar a marijuana. De acordo com projeções, a Flórida se tornou o primeiro estado do sul do país a legalizar a maconha para uso médico. Para alguns, depois do aparente resultado presidencial, esta é a melhor – e mais necessária – notícia do dia para suportar o que poderia ser uma longa noite neste país.

Não são poucos os que estão a brincar sobre deixar o país e procurar asilo noutros países. Esta noite, o site oficial de imigração do Canadá estava repetidamente fora do ar por causa do volume de requisições.

Original: La Jornada